

**Entre a história e a experiência:
o budismo japonês de Daisetz Teitaro Suzuki**

Eduardo Basto de Albuquerque

Livre-Docente – UNESP – Campus de Assis

eb.albuquerque@uol.com.br.

Resumo: Este artigo identifica como categorias centrais utilizadas por Daisetz Teitaro Suzuki (1870-1966), em seus textos escritos para o ocidente, as de experiência religiosa e história. Elas foram fornecidas pelo diálogo intelectual mantido por Suzuki com William James e Henri Bergson. Tais categorias são empregadas em suas análises da cultura japonesa, do budismo, do Zen budismo e para a comparação entre as religiões. Elas são instrumentos para duas intenções do autor: a reforma do budismo japonês e fundamentam seu discurso budista construído numa linguagem próxima aos ocidentais.

Palavras-chave: D.T. Suzuki; Zen Budismo; história; experiência religiosa.

Abstract: This article identifies as central categories used by Daisetz Teitaro Suzuki (1870-1966), in its texts writings for the occident, the one of religious experience and history. They were supplied by the intellectual dialogue maintained by Suzuki with William James and Henri Bergson. Such categories are used in its analyses of the Japanese culture, of the Buddhism, of the Zen Buddhism and for the comparison among the religions. They are instruments for the author's two intentions: the reform of the Japanese Buddhism and they base it its Buddhist speech built in a close language to the Westerners.

Key word: D.T. Suzuki; Zen Buddhism; history; religious experience.

Introdução

Este artigo trata de alguns aspectos presentes nos escritos do japonês Daisetz Teitaro Suzuki (1870-1966) que escreveu sobre o Zen Budismo. Lynn White Jr., nos inícios dos anos sessenta, comparou o impacto no Ocidente dos *Essays in Zen Buddhism*", de D. T. Suzuki, publicados em 1927, com as traduções latinas de Aristóteles feitas no século XIII ou as de Platão, no século XV (White Jr., 1963, p. 299). Exageros à parte, o autor apontava a importância de Suzuki, que com seus escritos, retirou o budismo, pela primeira vez, do confinamento dos estudos eruditos e acadêmicos no século XIX, e o levava para um público amplo, que neles se inspirou para transformar, protestar, reformular seus padrões existenciais. Entre os autores japoneses, ele se distingue por escrever em inglês, para o público ocidental. Na década de noventa, voltou à cena por sua identificação por com a Escola de Quioto (Sharf, 1995, p. 116-131).

Margareth Dornish divide a vida intelectual de Suzuki em três fases: uma primeira, a de preparação, ocorrida na última década do século XIX e que vai até a Segunda Guerra Mundial; a segunda, durante a Guerra e a terceira, a partir de 1949, marcada por intensa divulgação de suas idéias (Dornish, 1970, p. 149). Poucos trabalhos analisam a obra de Suzuki, a maioria são artigos, ressaltando algum tópico (Farkas, 1966; Merton, 1972, p. 58-64; Sakamoto, 1978, p. 33-42; Smith, 1972, p. 139-141; Smith, 1977, p. 141-154; Shôjun, 198, p. 132-16).

Daisetz Teitaro Suzuki nasceu em 1870. Estudou na Universidade Imperial de Tóquio. Praticou o budismo sob a direção do famoso mestre Soyen Shaku, abade dos mosteiros de Engaku-ji e Kencho-ji, de Kamakura, e que se destacou na modernização do Zen budismo japonês. Em 1896, Suzuki passou por uma intensa experiência religiosa (o *satori*), e nesse mesmo ano, acompanhou seu mestre a Chicago, no Congresso Mundial das Religiões, cidade que permaneceu, trabalhando em traduções (Shaku, 1971; Emyo, 1973) para o inglês e para o japonês, então escrevendo *Outlines of Mahayana Buddhism*.

Retornando ao Japão, em 1920, Suzuki, foi contratado como professor na Universidade Otani de Kyoto, onde permaneceu até a aposentadoria. Em 1921, iniciou a edição de uma revista, *The Eastern Buddhist*, dedicada a estudos de erudição budista, reformulada em 1962 e que continua a ser editada.

Em 1933, Suzuki doutorou-se em literatura pela Universidade de Otani. Os seus livros mais conhecidos foram publicados em inglês, num período de aproximadamente vinte anos: *Essays in Zen Buddhism, First Series* (1930); *Studies in the Lankavatara Sutra* (1930); *Essays in Zen Buddhism, Second Series* (1934); *Introduction to Zen Buddhism* (1934); *Manual of Zen Buddhism* (1935); *Zen Buddhism and Its Influence on Japanese Culture* (1938). Antes da guerra, falece sua esposa Beatrice Lane, autora de *Mahayana Buddhism* (Humphrey, 1961, 10). Em 1949, Suzuki publicou *The Zen Doctrine of No-Mind*. Em 1957, publicou *Misticism: Christian and Buddhist*. Com 86 anos, foi ao México num simpósio sobre Zen e psicanálise, e algumas conferências foram depois reunidas em livro por Erich Fromm.

Sua obra era pouco conhecida antes da Segunda Guerra Mundial, exceto por um círculo restrito de eruditos, mas, depois desta, se transformou na via de acesso ao budismo Zen mais conhecida no Ocidente. Parte da popularidade de seus escritos advém da sua descoberta pela *Beat Generation*, ocorrida na década de cinquenta (Peçanha, 1988,45). Na década seguinte, sua leitura foi retomada pelos *hippies* e pelos teóricos da contracultura. (Prebisch,1978, 162-164; Needleman, 1975,46). Outro grupo de leitores foi constituído por intelectuais do porte de Martin Heidegger¹ e Carl Gustav Jung que escreveu o prefácio de *Introdução ao Zen Budismo* (Suzuki, 1961, 5-27; Jung, 1980,60-81). Muitos se inspiraram em seus escritos para refletir sobre o Zen budismo, como Alan Watts (Watts, 1961, 12) e Christmas Humphrey (1975,30). Seus livros repercutem também em leitores brasileiros, como Ernani Barroso (s.d.,9) e Nelson Coelho (1978,17).

A experiência

Neste artigo, privilegamos os trabalhos escritos diretamente para os ocidentais. Identificamos, como principais categorias explicativas que Suzuki se vale para expor suas idéias aos ocidentais, as de "*experiência religiosa*" e "*história*".

Tudo indica que o conceito de experiência religiosa tenha sido absorvido por Suzuki de *As Variedades da Experiência Religiosa*, publicado em 1902 por William

¹ "(...) A German friend of Heidegger told me that one day when he visited Heidegger he found him reading one of Suzuki's book : 'If I understand this man correctly', Heidegger remarked, 'this is what I have trying to say all my writings' ". (...). BARRET, William. Introduction: Zen for the west. In **Zen Buddhism. Selected Writings of D. T. Suzuki**. Edited by William Barret. New York: Doubleday Anchor Books,1956, p.xi.

James, que entendia a religião como um fato psicológico e refutava que fosse uma doença. James mostrava que a experiência religiosa era extremamente comum em sua época, uma saída dos estreitos limites que a ciência pretendia encerrar um mundo rico e complexo (James, 1963, 493-4).

Suzuki leu William James e em muitas ocasiões, cita-o (Suzuki, 1956, 536 e 581) e emprega a noção de “experiência” em vários momentos. Inicialmente, considera que *tudo* é fruto da experiência (Suzuki, 1978, 133), pelo que “Quando (o Zen) fala da experiência pessoal, isso quer dizer abordar o fato de primeira mão e não por um intermediário, qualquer que possa ser... Do mesmo modo que a Natureza tem horror do vazio, o Zen tem horror de tudo o que pode se apresentar entre o fato e nós mesmos. De acordo com o Zen, não há ponto de apoio no fato ele mesmo, combate entre o finito e o infinito, a carne e o espírito” (Suzuki, 1976, 47).

A experiência responde às indagações sobre o sentido da vida, desafiada pela insatisfação. Ela propicia a descoberta da plenitude, através da aquisição de um novo ponto de vista, o *satori*, a Iluminação (sânscrito: *anutara-samyak-sambodhi*). Sem *satori*, para Suzuki, não haveria o Zen: "Sustento... que a vida do Zen começa com a abertura do *satori* (chinês: *kai ou*)" (Suzuki, 1965, 19 e 21). O *satori* fornece a união das oposições e contradições num todo orgânico e harmonioso, recriando o indivíduo (Idem, 292-3).

Ora, ao se apoiar no conceito de experiência religiosa, Suzuki apropria-se de uma construção mental elaborada por autores ocidentais, e dela se valendo em múltiplas dimensões. Serve, ao mesmo tempo, para apresentar o budismo numa linguagem familiar aos ocidentais, e também para indicar aos japoneses a possibilidade de modernizar os discursos budistas com um instrumento advindo dos próprios ocidentais, promotores da modernização no mundo contemporâneo. Era válido para confirmar a perenidade e a defesa dos valores budistas, ante os mesmos ocidentais. E, afinal, também era um instrumento intelectual de proteção contra a desqualificação do budismo feita por alguns pensadores ocidentais.

Desse modo, muitos textos dos *Ensaio*s contêm argumentos que fazem pensar serem respostas do pensador budista japonês ao filósofo francês Henri Bergson, autor de *Les deux sources de la morale et de la religion*, (Bergson, 1950, 980-1250), já que Suzuki não o desconhecia. (Dilworth, 1985,95). Neste livro, Bergson divide as formas

religiosas em estáticas e dinâmicas, e nestas últimas enquadra o budismo, apontando, por um lado, o papel relevante da Iluminação, mas, por outro lado, considerando-o uma religiosidade inconclusa, porque não teria ação, criação, amor (Bergson, 1950, 1164).

Ora, Suzuki retoma e contesta Bergson que afirmara que a ioga induziria a estados comparáveis à hipnose (Suzuki, 1956, 32). Como o Zen se vale de treinamentos semelhantes aos da ioga, Suzuki rejeita a afirmação bergsoniana considerando-a nada explicar: “Alguns seres acreditam que é científico dar a certos fenômenos um termo que vem a ser posto em moda, e ficam satisfeitos como se eles servissem de uma maneira que ilumina seu entendimento” (Suzuki, 1965, 38-9).

A história

A segunda categoria que identificamos na argumentação de Suzuki é a história. Discordamos da conclusão de Margareth Dornish que Suzuki desprezava a história (1970,54). Nas obras que Suzuki escreveu para os ocidentais, ele revela um extraordinário interesse e preocupação com a história, ora entendida como uma forma de consciência, ora como prática científica. De maneira original, Suzuki congrega história e experiência religiosa, quando afirma: "O que os modernos estudiosos do Zen têm a fazer é um exame completo da própria experiência Zen e das formas pelas quais se manifestou na História" (Suzuki, 1978, 130).

O conceito de experiência religiosa é central no sistema de Suzuki, permitindo-lhe compreender a razão de ser da religião em geral e, particularmente, o budismo. Continuando o debate com Bergson, observa que "Cada religião tem por fundamento a experiência mística. Sem ela, todas as suas superestruturas metafísicas ou teológicas desmoronam-se..... A maneira de integrar a experiência torna-se, assim, freqüentemente, a causa das perseguições as menos religiosas ou, de guerras as mais sangrentas. Qualquer que seja a experiência religiosa permanece sempre a energia que sustenta e dirige o sistema metafísico. Isso explica a diversidade de interpretações intelectuais mesmo no interior somente do corpo do budismo, o Zen aqui e o Jodô acolá, enquanto que a experiência, do ponto de vista psicológico, permanece fundamentalmente a mesma" (Suzuki, 1957, 724).

Deste modo, toda religião com uma longa história, é uma somatória de experiências, e o que os discípulos do fundador explicam é a *visão que dele possuem*. Para Suzuki, este fenômeno seria universal, ocorrendo inclusive no cristianismo (Suzuki, 1965,59). O budismo seria constituído por todas as experiências e especulações dos discípulos do Buda e, em particular, as sobre a personalidade de seu mestre e suas conexões com a própria doutrina. Desse modo, o budismo seria uma construção histórica porque não surgiu “acabado” do Buda. É preciso levar em conta o crescimento da doutrina: “Na medida em que o budismo é uma religião viva, e não uma múmia histórica recheada de materiais mortos e destituídos de utilidade deve ser capaz de absorver e de assimilar tudo o que vem em ajuda de seu crescimento. Isso é o que há de mais natural para não importa que organismo dotado de vida. E essa vida pode ser discernida sob formas e interpretações divergentes” (Idem, 60-61).

Estas afirmações de Suzuki podem ser compreendidas como contraponto aos estudiosos ocidentais que afirmavam ser a modalidade Mahayana, predominante na China, Coréia e Japão, uma degenerescência do budismo pregado pelo próprio Buda. Essa avaliação ocidental era ditada pela ótica positivista da religião, predominante nos finais do século XIX e reproduzida muitas vezes em nosso século.² Para tais pensadores, só os discursos contidos no Cânon Páli representariam o verdadeiro ensinamento de Buda porque seus sermões exporiam um ascetismo moralista e filosófico, que ajudaria a resolver as oposições entre suas concepções científicas e a religião. Os mitos, o maravilhoso, o ritualismo, a devoção etc., eram tidos como degenerescência supersticiosa.. A posição de Suzuki é de defesa do budismo Mahayana, especialmente do budismo japonês. Aceitar a avaliação ocidental seria concordar que o budismo de seu país era decadente, algo despropósito no contexto histórico japonês de crescimento econômico e imperialismo.

Entretanto, se a reflexão de Suzuki é defensiva, não quer dizer adesão passiva à tradição budista, e apóia o julgamento crítico para um budismo moderno (Suzuki, 1965, 68-9). A crítica se funda na compreensão dos elementos formadores de toda religião com uma longa história. Neste exercício, é primordial separar a figura do fundador do seu ensino, porque é a personalidade do fundador que determina seu ensinamento. O

² Como por exemplo, SOOTHILL, W. -E. **Les trois religions de la Chine**. Paris: Payot, 1946, p. 93.

fundador não tinha consciência nem de seu ensino e nem que criava um sistema religioso novo. Ademais, os discípulos do fundador, enquanto ele era vivo, não separavam sua personalidade do seu ensinamento. Somente após a morte dele é que sua personalidade passa a ser o núcleo central do próprio ensino: "fizeram de tal modo que essa personalidade servia para explicar o sentido desse ensinamento" (Idem, p.53).

Há indagações formuladas por Suzuki indicando que pensava numa espécie de programa para os budistas contemporâneos e partidários do progresso, como: o que constitui a essência do budismo? Como conceber o Buda? Qual é a natureza constituinte do Buda? O ensinamento de Buda explicaria a vida do budismo e sua evolução na história? Haveria no ensinamento oral de Buda, algo que lhe dava vida e persistia como substrato, caracterizando a história do budismo através da Ásia? (Idem, 60)

Tal programa lhe proporciona repensar o budismo na contemporaneidade e, ao mesmo tempo, defender o budismo japonês das críticas ocidentais do século dezanove. Devido o processo de mudanças históricas ocorridas no Japão a partir de meados do século XIX, idéias ocidentais ajudaram na crítica violenta ao budismo, por parte dos adeptos da modernização do país. Isto se manifesta na reação xintoísta e nacionalista que descartava toda doutrina religiosa estrangeira, inclusive a do budismo, apesar de estar no Japão por quase mil e duzentos anos! Deste modo, o budismo japonês era atacado no estrangeiro e dentro do país. Suzuki o defende, portanto, num momento crucial (Kiyota, 1984, 251-59; Moore, 1975,271-365; Siefert, 1968, 86-132; Vié, 1982). E vale-se de elementos do pensamento ocidental, para fundamentar sua resistência.

Para isso, insere o budismo de seu país na história geral das transformações do budismo e, nota, que apesar, das circunstâncias históricas, o Japão manteve fidelidade a ele. A experiência do Zen budismo é a do budismo Mahayana e o seu desenvolvimento histórico se processou no povo chinês cuja psicologia ou mentalidade, observa, difere enormemente do pensamento indiano, de onde o budismo provinha. Avalia que era uma contribuição do gênio chinês para a história da cultura de modo geral. Graças aos japoneses, o espírito do Zen foi conservado e sua técnica completou-se (Suzuki, 1978, 129). Essa é uma das teses mais queridas de Suzuki: o Zen é a maneira chinesa de aplicar a Doutrina da Iluminação budista indiana à vida prática. Ela é repetida, inúmeras vezes, no decorrer de sua obra. Ela se alicerça na premissa de diferença cultural entre chineses e

indianos, sendo os primeiros práticos, moralistas e com mentalidade histórica, enquanto os segundos seriam metafísicos, transcendentais e estariam acima das coisas mundanas (Suzuki, 1961, 24).

O processo que resultou no Zen chinês é um complexo cultural (Idem, 27). O budismo levou, além de suas práticas, a sua literatura que necessitava ser traduzida e que era fruto das grandes tendências Hinayana e Mahayana. Depois das traduções passou-se na China para outra região de conhecimentos (Suzuki, 1965, 135-7), a etapa de aprofundamento espiritual. Em síntese, a história do budismo Zen na China seria constituída pela história de seus líderes budistas e de seus dramas espirituais marcada pela transposição cultural do budismo da Índia. As crenças foram mantidas em novas práticas.

Suzuki alerta que não pretende realizar um estudo crítico e científico da história do budismo Zen. Objetiva colocar o leitor a par da história tradicional do Zen tal como contada por seus seguidores no Japão e na China (Idem, 209). Remetendo, para suprir lacunas históricas, às grandes linhas gerais da história da própria religião. Deste modo, procura o elo lógico entre a doutrina Mahayana da Iluminação na Índia, e sua prática buscada pelos chineses no cotidiano (Suzuki, 1965, 238 e 240).

Realizando a leitura minuciosa de fontes tradicionais, complementada pela crítica erudita, inclusive percebendo as mudanças das palavras e conceitos utilizados por seus autores, Suzuki constrói uma história "moderna" para o Zen e re-examina a história dos patriarcas Zen na China, de Bodhidharma a Hui-neng, o sexto, ao qual dedica um estudo particular (1989). Com isto percebe as transformações do Zen na China, e o predomínio de determinadas orientações sobre outras, dando a configuração atual ao Zen japonês.

Com sua maneira peculiar, Suzuki escreve a história do Zen budismo, não se preocupando com precisões de ordem cronológica ou sistemática, mas traçando uma história extremamente coerente, das transformações internas ocorridas no Zen e descrevendo instituições (1961, 107). Examina uma série de casos pessoais de realização espiritual, onde seus atores empregavam conhecimentos intelectuais e vontade. E nota a que a história do Zen seria marcada pela tendência de obscurecer a experiência do cotidiano e transformá-la em reflexiva. Com isto, de um lado, nasceria a obtenção

artificial daquilo que os mestres primordiais produziam de maneira espontânea, mas, por outro lado, o Zen alcançaria uma quantidade maior de pessoas.

As intencionalidades

Esta construção da história do budismo Zen por D. T. Suzuki, se insere em duas intencionalidades: uma, a reforma do budismo japonês e, a outra, a comunicação do budismo aos ocidentais em categorias e num discurso que lhe fossem familiares.

A premissa básica é considerar o budismo como fundamento da própria cultura japonesa (Suzuki, 1958,viii). Num texto de 1930, Suzuki analisa as fases históricas do budismo japonês, buscando seus valores, desde os seus primórdios (Suzuki, 1957, 1352). Do século XII ao século XIX, foram séculos de paz, sem estímulos, as organizações tornaram-se poderosas, a hierarquia eclesiástica tornou-se mais refinada e mais complicada, as autoridades tradicionais eram mais aristocráticas, a fé e a devoção mais formais e a especulação se petrificou, perdendo o budismo sua vitalidade (Suzuki, 1957, 1362).

No período da segunda metade do século XIX até 1930, os budistas saíam da letargia, quando desmoronou o feudalismo, o xintoísmo recobrou forças pela intervenção oficial, ocorreu uma perseguição atenuada ao budismo e as subvenções das autoridades locais ou centrais foram suprimidas. Em meio século mudou a situação. Houve estímulo e revitalização sustentada pela qualidade permanente do budismo, força poderosa que alimentou os japoneses, enquanto nação e como indivíduos. Sem ele, o Japão não poderia ter o seu estado atual de cultura e de iluminação, pois deixou uma impressão permanente sobre as artes, os costumes e a cultura (Idem, 1362-4).

Suzuki, ao identificar o budismo como fonte viva de orientação do povo japonês, via nisto o argumento para pressionar os líderes budistas japoneses a uma modernização de sua religião. Para tanto, se apóia em dois instrumentos: o modelo do universo religioso chinês a ser refletido pelos seus conterrâneos e levar a mensagem budista aos estrangeiros. Se estes se interessavam é porque havia no budismo japonês algo de valor que devia ser preservado.

Tanto quanto a utilização de categorias de pensamento originadas no ocidente, o pensador japonês tem para si uma espécie de missão de divulgar o budismo japonês no

Ocidente. Isso aparece em vários de seus livros, escritos em momentos diferentes. O seu texto mais popular, *Introdução ao zen budismo*, são artigos publicados no Japão durante a guerra de 1914 e que em 1934 foram transformados num livro (1963, 3). Em 1950, confessa, num texto, que seus encontros, com jovens americanos e ingleses, fizeram que reestudasse sua compreensão do Zen e a expusesse num novo discurso (1977, 11).

Estas duas intenções se lastreiam numa concepção ampla do budismo. Suzuki afirma que o budismo é originalmente democrático e prático (1958,1357). Isto pode ser entendido também como uma crítica ao budismo japonês de então ser extremamente voltado para si mesmo. A democratização não era só para o budismo, mas acompanharia a sociedade inteira (1971, 96). Lembremos que, até falecer Suzuki, predominava a Guerra Fria. Neste contexto histórico, propugna que o Budismo permitiria o diálogo Ocidente-Oriente, (Suzuki, 1957, 1363-4) criando um espírito de tolerância (Suzuki, 1968,86).

Daisetz Teitaro Suzuki não expôs um budismo estritamente acadêmico e erudito, ou mesmo, um budismo de uma só escola, mas pretendia mostrar um budismo abrangente. Lembro que Suzuki poucas vezes em seus escritos trata da meditação Zen, nem a descreve, nem aponta os textos japoneses onde esteja contida. Isto dava à sua visão do budismo um caráter peculiar e distante do que era ensinado pelos templos e mosteiros. Sem dúvida, estava também relacionada com as transformações do budismo japonês contemporâneo. Isso transparece na sua compreensão da história. O historiador chinês Hu Shih (1961, 2-30), discordou de Suzuki sobre o papel histórico do Zen na China. Considerava que o Zen era uma revolta contra o budismo indiano, estrangeiro e estranho à China, enquanto que Suzuki via o Zen como a forma a mais eficiente, de assimilação do budismo pelos chineses (Suzuki, 1956, 135).

A polêmica retratava a oposição de duas maneiras de compreensão da experiência religiosa. Suzuki propugna uma experiência Zen, desvestida de toda a nomenclatura advinda das instituições budistas e despojada da linguagem tradicional oriental, compondo como que o centro de toda experiência religiosa autêntica. Aqui estaria o critério básico para compreender o budismo, o cristianismo e as demais religiões. Daí seu interesse em estudar Eckhart (1976), ou o seu diálogo com Thomas Merton (1972, 93-

127). A isto se opunha Hu Shih que considerava o Zen como um produto puramente histórico (Hu Shih, 1961, 136).

Finalmente, Suzuki considera a compreensão histórica - mesmo crítica -, como provisória; só a experiência religiosa seria definitiva. Isto o faz retornar ao budismo como religião, retornar à sua tradição religiosa (Suzuki, 1965, 61).

É provável que a pretensão de universalidade exposto nos escritos de Suzuki sobre o Zen tenha sido um dos motivos de seu sucesso junto aos seus leitores ocidentais. Sua análise histórica deixa de lado fatores econômicos e, brevemente, toca em aspectos políticos e sociais do Oriente. Afinal, ele mesmo confessara não querer ser um historiador, mas não deixa de lançar mão da história, num verdadeiro paradoxo porque pretendendo seus escritos ser universais sua leitura revela sua particularidade.

Referências

- BARROSO, Ernani. **Zen, vindo na natureza do eu**. Rio : Edição do autor, s.d..
- BERGSON, Henri. **Oeuvres**. Paris: Presses Universitaires de France, 1950.
- COELHO, Nelson. **Experiência direta de libertação**. Belo Horizonte : Editora Itatiaia,
- DILWORTH, David. The initial formations of "pure experience" in Nishida Kitaro and William James. *Monumenta Nipponica*. Tokyo, 1985, vol. XXIV, nº 1-2.
- DORNISH, Margareth. Aspects of D. T. Suzuki's Early Interpretations of Buddhism and Zen. *The Eastern Buddhist*. 1970, Quioto, vol. III, nº 1.
- EMYÔ ITÔ / MIKOKO OKAMURA. Foreword. In SUZUKI, D. T. **Collected Writing of Shin Buddhism**. Kyoto: Shinshu Otaniha, 1973.
- FARKAS, Mary. Daisetz Teitaro Suzuki. *Zen Notes*. New York: The First Zen Institute of America, 1966, vol. XIII, nº 7.
- HU SHIH. The development of Zen Buddhism in China. In BRIGGS, William A. (Ed.). **Anthology of Zen**. New York: Grove Press, 1961.
- HUMPHREY, Christmas. **Aprenda sozinho Budismo Zen**. São Paulo: Pioneira, 1975.
- HUMPHREY Christmas. Prologo. In SUZUKI, Beatrice L. **Budismo Mahayana**. Buenos Aires: Fabril Editora, 1961.

JAMES, William. **The Varieties of Religious Experience**. London: The Fontana Library, 1963.

JUNG, C. G. **Psicologia e religião oriental**. Petrópolis : Vozes,1980.

KIYOTA, Monoru. Presuppositions to understanding of Japanese Buddhist Thought. *Monumenta Nipponica*. Tokyo, 1984, vol. XII.

MERTON, Thomas. **Zen e Aves de Rapina**. Rio: Civilização Brasileira, 1972.

MOORE, Barrington. **As origens sociais da ditadura e da democracia**. Lisboa: Cosmos, 1975.

NEEDLEMAN, Jacob. **As novas religiões**. Rio de Janeiro: Artenova, 1975.

PEÇANHA, Dóris L. Nunes. **Movimento beat**. Petrópolis: Vozes, 1988.

PREBISCH, Charles. Reflections on the transmission of Buddhism in America. In: NEEDLEMAN, J. / BAKER, G. (Eds.). **Understanding the New Religions**. New York: The Seabury Press, 1978.

SAKAMOTO, Hisoshi. D. T. Suzuki as a Philosopher. *The Eastern Buddhist*. Quioto, 1978, vol. XI, n.2.

SHAKU, Rev. Soyen. **Sermons of a buddhist abbot**. New York: Samuel Weiser, 1971. A 1ª. ed. é de 1906 e a tradução de Daisetz Teitaro Suzuki.

SIEFERT, René. **Les religions du Japan**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.

SHARF, Robert H. The Zen of Japanese Nationalism. In LOPEZ JR, Donald S. (Ed.). **Curators of the Buddha : The Study of Buddhism under Colonialism**. Chicago : The University of Chicago Press, 1995, p.107-160.

SMITH, Huston. D. T. Suzuki : A Field of Zen and Shin Buddhism". *The Eastern Buddhist*. Quioto, 1972, vol. V, nº1.

SMITH, Huston. Four Theological Negotiables. Gleanings from Daisetz Suzuki's posthumous volumes in Shin Buddhism. *The Eastern Buddhist*. Quioto, 1977, vol. X, nº2.

SHÔJUN, Bandô. D. T. Suzuki and Pure Land Buddhism. *The Eastern Buddhist*. Quioto, 1981, vol. XIV, nº 2.

SUZUKI, D. T. **Introdução ao Zen Budismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1961.

SUZUKI, D.T. **Essais sur le Bouddhisme Zen. Deuxième Série**. Paris: Albin Michel, 1956.

SUZUKI, D.T. Introducción. In SUZUKI, Beatrice Lane. **Budismo Mahayana**. Buenos Aires: Editora Fabril, 1961.

SUZUKI, D.T. **A doutrina Zen da não-mente**. São Paulo: Pensamento, 1989.

SUZUKI, D.T. **Essais sur le Bouddhisme Zen. Première Série**. Paris, Albin Michel, 1965.

SUZUKI, D.T. **Essais sur le Bouddhisme Zen. Troisième Série**. Paris: Albin Michel, 1957.

SUZUKI, D.T. **Mística: cristã e budista**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1976.

SUZUKI, D.T. **Studies in Zen**. New York: A Delta Book, 1956.

SUZUKI, D.T. **The Essence of Buddhism**. Kyoto: Hozokan, 1968.

SUZUKI, D.T. *Uma interpretação da experiência Zen*, In MOORE, Charles A. (Org.). **Filosofia: Ocidente e Oriente**. São Paulo: Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

SUZUKI, D.T. **Viver através do Zen**. Rio: Zahar, 1977.

SUZUKI, D.T. **What is Zen ?** London: The Buddhist Society, 1971.

SUZUKI, D.T. **Zen and Japanese Buddhism**. Tokyo: Japan Travel Bureau, 1958.

VIÉ, Michel. **Le Japon contemporaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.

WATTS, Alan. **El Camino del Zen**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1961.

WHITE JR., Lynn. Renovam-se os cânones de nossa cultura. In WHITE JR., L. (org.). **Fronteiras do desconhecido**. Rio: Editora Fundo de Cultura, 1963.